

## PROVOCANDO O ENCONTRO ENTRE MORENO E MORIN

**Mário Freire**

*Doutorando em Ciências da Informação,  
Mestre em Educação e Desenvolvimento Humano, Psicoterapeuta,  
Consultor em Desenvolvimento Gerencial e Organizacional.  
Diretor da Pegasus Desenvolvimento e Consultoria Ltda.*

Moreno ao conceber o sujeito espontâneo trouxe o poder do criador para o Ser Humano; Morin instituindo o Sujeito Complexo coloca o Ser Humano diante da sua mega-pequenez consciente. O encontro desses conceitos provoca o surgimento do sujeito espontâneo complexo capaz de criar e manter-se num processo constante de criação indo além do inimaginável.

### **Caracterizando o Sujeito Espontâneo**

Na visão moreniana deparamo-nos com a possibilidade do ser sujeito manter-se em constante desafio criador, criando-se a si mesmo junto com outros criadores e com esse processo ser co-responsável pela criação do mundo no qual está.

Iniciando nossa conceituação do sujeito espontâneo criador, vamos caracterizar a criação do próprio Moreno(1993), criador do Sócio-Psico-Drama, cuja proposta é a unidade entre o *socius* e a *psyché* . Portanto, a possibilidade do drama social poder revelar-se através da especificidade e particularidade da existência de cada sujeito, como também, permitir que o drama pessoal e privado vá buscar sua inscrição num drama coletivo. O psicodrama constitui-se num movimento de dentro para fora, e Naffah (1979) o conceitua como *uma vivência subjetiva que se objetiva frente ao mundo (p.239)*. Definindo o sociodrama como um processo de subjetivação de uma realidade objetiva, *a possibilidade da participação e da colocação de cada um frente a uma realidade que é de todos (p.240)*.

Em Moreno (1992), encontramos a sua visão sobre a subjetividade de Deus:

*O primeiro criou o último  
E o fim criou o começo  
Eu criei o mundo,  
e, portanto, Eu devo Ter criado a mim mesmo (p.68)*

Assim na concepção de Moreno(1992), Deus é um Ser que é responsável não só pelo nosso universo, mas por todos os universos; Deus que é participante e atuante, um Deus incansável na sua função de criador; e, acima de tudo um Deus que não cria uma criatura, mas sim, também, um criador.

*o universo é uma criação em contínuo desenvolvimento e cada novo indivíduo que nasce, cria junto com Deus, um mundo que há de vir (p.22).*

Portanto, estamos falando da subjetividade de uma divindade que é viva e que não se contenta com a sua criação, precisando ir além dela mesma, e que só consegue o seu intento, se os criadores por Ele criado, tornarem-se de fato criadores, e não repetidores, conformados de uma criação. Um Deus que sabe o valor do criador, e que, portanto, só existirá, a medida em que exista um outro, um co-criador, pois, só assim, se manterá eternamente criador. Aquele que é capaz de criar um mundo e outros mundos no qual cada homem pode ajudar a criar e pode projetar seus próprios sonhos.

Não um Deus objeto, mas um Deus concreto, que se apresenta em cada criação, permitindo a cada criação ser Ele mesmo - o Criador. Segundo Moreno (1993), “Deus” não é o Deus-Ele, colocado fora de nós, como é o Deus na civilização oriental e como o Deus dos hebreus. Um Deus sábio, porém, fora do nosso mundo, um Deus invisível, todo poder. Também não é o Deus–Tu, mais próximo, não só poder e sabedoria, mas, também, doçura e acima de tudo amor, um Deus visível, porém um Deus que é imutável . O Deus moreniano é o Deus–Eu, o Deus responsável por todas as coisas que existiram, existem e que virão a existir, o Deus que estava, está e estará presente, o Deus que se responsabiliza com o todo, o Deus que tem a função criadora, e, portanto, responsável pelo que criou, cria e criará, inclusive a responsabilidade de ter se criado.

*no velho Testamento, Deus é Ele, no Novo Testamento Deus é Tu, mas, agora, há um novo Deus, uma Nova voz da experiência, uma nova via de comunicação Com o Deus que vem do próprio Eu, Através de mim, através de você, através de milhões de Eus (p.12)*

Contudo, na concepção moreniana, Deus não é somente um ser diluído, possui, subjetividade própria, o que o torna, essencialmente, o criador dos criadores e posicionando sobre a subjetividade de deus, Moreno (1992), assim relata:

*é vital que Deus tenha subjetividade própria. Pode ser que Ele não tenha uma personalidade, facções ou figuras no sentido humano. Pode ser que não tenha inteligência, psicologia ou lógica, tal como nós a conhecemos, porém, qualquer Deus que fosse privado de subjetividade, seria um Deus morto. A subjetividade é uma premissa indispensável para a função mais importante de Deus; ser o criador de nosso universo e de muitos outros universos além do nosso... Ele é o criador do universo, não somente no sentido histórico, mas também por estar continuamente alerta para colaborar com o curso dos fatos. Essa é uma posição que está baseada na idéia de identidade de todas as formas de criatividade com a sua própria. Ele criou muitos outros universos e tem algumas formas de energia criadora que vão além da nossa capacidade para compreender ou experimentar (p.20-21-23)*

O Deus de Moreno (1993), portanto, é um Deus próprio, porém, não um Deus soberano, é acima de tudo um Deus relacional, um Deus participante, um Deus identificado “com” e “no” ser por Ele criado. Portanto, Deus é um ser embricado na sua própria criação, assim como os criadores por ele criado, dão sentido a sua própria existência, estando portanto, irremediavelmente, interligados numa rede existencial de criação conjunta.

*... como Deus é inseparável do universo, e o universo é inseparável de cada homem que vive nele, necessariamente cada homem também é inseparável de Deus. Não importa quão distante cada criatura possa estar do centro da existência, ela continua fazendo parte do criador. Por isso pode-se dizer que Deus não interfere no curso dos acontecimentos, já que isso significaria interferir em si mesmo, porquanto tudo que acontece é essencialmente o próprio Deus acontecendo-se (p.24)*

A concepção de um Deus criador e relacional, cujo exercício supremo é a criação constante, só foi possível a Moreno, porque, para ele, a criação e o exercício do poder criativo: não é uma obrigação, não é um esforço, não é um castigo e muito menos algo artificial. Ao contrário, criar é a condição básica da própria existência. É a fluidez da própria vida, num compasso sadio de um coração que pulsa, renovando-se e proporcionando a renovação da vida. Portanto, nessa visão, Deus é a expressão máxima da espontaneidade. Pois para Moreno (1992) *Deus é pura espontaneidade*(p.29), sendo a relação com a espontaneidade a constituição básica da subjetividade divina. Condição básica, e, portanto, essencial na concepção do sujeito espontâneo criador.

*...desse modo, poderemos vir a ser não somente uma parte da criação, mas também uma parte do criador. O mundo passa a ser o nosso mundo, o mundo que nós escolhemos, o mundo que nós criamos e que possa vir a ser uma projeção de nós mesmos... Através da espetacular relação dual entre Deus e o homem...uma relação na qual Deus aninha-se no coração do homem e o homem se entrelaça com Deus, o passado infinito atualiza-se e Deus torna-se uma realidade no aqui-e-agora (p.25)*

A concepção de um Deus criador e relacional, permite, portanto, o surgimento de um ser humano, também, criador e relacional. Onde cada ser humano é responsável pela criação do outro ser humano, sendo este co-responsável pela existência do outro; porém, não limitado, não cerceado, não impedido de criar; ao contrário, estimulado a uma prontidão natural e existencial de ser criador de si mesmo e co-participador da criação do universo.

Concebendo o criador dessa maneira, você e eu, só existimos num encontro interdependente, onde estamos ligados indissoluvelmente, e, portanto, somos os responsáveis pelo que há-de-vir, após a nossa própria existência, sendo, nós mesmos, os responsáveis pelo exercício constante das nossas qualidades de iniciativa, coragem e inventividade. Portanto, a subjetividade emerge da intersubjetividade, já que para Moreno(1993) um não existe sem o outro, e, não existe criador sem que outro criador exista.

O sujeito moreniano, sujeito espontâneo e criador, não é um; mas fruto constituinte e constituído da rede de relações que o formou, e as que ele próprio constituiu, está constituindo e irá constituir.

A concepção do sujeito moreniano é una e múltipla, inclui o psicológico, o biológico, o social, o espiritual e qualquer outra dimensão em que o ser humano possa ser considerado, portanto, é o sujeito fruto de um encontro, centro da proposta existencial do Sócio-Psico-Drama; encontro que se dá numa dimensão de tempo não dividido entre passado, presente e futuro, mas sim, num tempo existencial real, que funde e se desdobra nos três, simultaneamente, que é a dimensão do momento.

O momento caracteriza um universo aberto, um universo que tem lugar a criatividade, a mudança, a novidade. Um universo não pré-fixado, não definido, mas um universo que há-de-vir das relações intra e inter pessoais e grupais, *com* e *no* lugar em que estamos, um universo espontâneo, portanto, a teoria do momento está

vinculada, inseparavelmente, da teoria da espontaneidade e por conseguinte, do processo de concepção do sujeito moreniano.

A categoria do momento, segundo o próprio Moreno (1993), *um dos conceitos mais importantes em todo o pensamento humano,... – o momento de ser, viver e criar (p.155-156)*, não seria possível a sua existência sem a espontaneidade. Pois é considerado o mais importante vitalizador da estrutura viva. *A espontaneidade é o fator que faz parecerem novos, frescos e flexíveis, todos os fenômenos psíquicos. É o fator que lhes confere a qualidade de momentaneidade (p.153).*

O sujeito espontâneo criador, sendo aquele que constitui e é constituído por sua rede existencial, faz do ato de criar, a combustão necessária e indispensável à sua existência, não se deixando aprisionar pela sua própria criação, amando muito mais o que virá do que o que tem. Não por desprezar suas conquistas e realizações, ao contrário, por vivenciá-las, inteiramente, sendo responsável não só pela evolução da sua criação, mas, principalmente, pela sua própria evolução.

*mais importante do que a evolução da criação é a evolução do Criador (Moreno – 1993 - p.9).*

O sujeito moreniano, portanto, não carrega a culpa de abandonar a sua criação, pois a cria para ser autônoma-interdependente, pois não cria, somente para si, cria para o universo, exercendo o seu papel de co-criador do mundo. Também não sente inveja por sua criação estar atingindo planos superiores aos pretendidos por ele. Orgulha-se, pois se sabe interligado e desprendido da sua criação.

O sujeito espontâneo criador é aquele que não cria somente por sentir falta de..., mas também, e, principalmente, pelo prazer de criar e continuar a se recriar, num processo contínuo de criação. Diante da falta. Vive o momento e cria as condições para vivenciá-la e superá-la, porém uma vez superada, não se acomoda e cria novas condições, sonhando seus sonhos e direcionando sua ação para realizá-los. Indo além de si mesmo, conquistando e atraindo parceiros, porém, permitindo que os sonhos dos que estão com ele realizem-se em conjunto. Desta forma, faz do ato de criar, algo maior do que ele mesmo, pois admite atingir o inimaginável; por ele mesmo ou por qualquer dos que participem do seu momento/processo de evolução. No seu átomo social, interdependente e momentâneo, encontra a energia necessária para sua realização. Portanto, se deixa contaminar pelos sonhos dos seus parceiros, assim como, contamina o sonho dos mesmos. Dando a importância a cada um, sabedor que é, de que cada um pode ser maior que o todo, porém sem perder a

visão que o todo direciona por si mesmo, também. No processo de criação do sujeito espontâneo criador existe uma sinergia que possibilita o processo de co-autor-criador, onde cada um, espontaneamente, participa, co-responsável, pelo que há-de vir após a sua existência, engajada que está num empreendimento e na sua própria evolução.

Contudo, o universo moreniano não é só criação, e como ele mesmo se expressa *na minha teoria da espontaneidade existe lugar para um determinismo operacional funcional (154)*, que é denominado de conserva cultural, ou seja, o produto acabado; os processos levados a termo, os atos finalizados e as obras perfeitas. Para Moreno (1993) *a espontaneidade e a conserva cultural não existem em forma pura: uma é função, é parasita da outra - são conceitos polares (156)*, e ainda assim se posiciona: “... é evidente que um processo criador espontâneo é a matriz e a fase inicial de qualquer conserva cultural...” (p. 166).

### **Caracterizando o Sujeito Complexo**

Em, Morin (1990) encontramos as bases da sua formulação sobre a complexidade que com a intenção de permitir uma nova visão amplificada ( do micro e do macro) e despertar a sensibilização necessária para as carências provocadas pelo paradigma cartesiano que rege (regeu) todo o desenvolvimento ocidental, Morin(1990) aponta-nos as atrocidades advindas de um pensamento simplificador, que isola, dogmatiza e reduz o real; fazendo crer que a parte retirada e estudada/analizada, mais que representa é o próprio todo, de onde se pode criar leis universais, estabelecendo-se uma ordem perfeita que, portanto, exclui todas as coisas que não estejam ali representadas, anulando e desconsiderando todas as interações, os conjuntos, as totalidades, a desordem, o fortuito, o ilógico, o nebuloso, enfim, desprezando tudo que não seja dedutível, que não seja lógico e preciso. Assim atribui as mais graves ameaças que a humanidade enfrenta à evolução desvairada, ou seja, *ao progresso cego e descontrolado do conhecimento (armas termonucleares, manipulações de todas as espécies, desequilíbrio ecológico etc.) (p. 14)*.

Em contrapartida, propõe a necessidade do pensamento complexo, ou seja, uma convivência interativa, num mesmo tecido, entre o uno e o múltiplo, a ordem e a desordem, o confuso e o preciso, a incerteza e a certeza, a razão e a desrazão, o previsível e o fortuito; não separando, ao contrário, podendo interligar o observador

e observado/observável; nos convidando a viver a complexidade da vida no *tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações; acasos, que constituem o nosso mundo fenomenal*(p.20)

Dessa forma, ao nosso ver, surgirá uma nova ética científica, onde a pesquisa, o estudo, o conhecimento, a descoberta, o progresso tecnológico, não seguirá, exclusivamente, o impulso dele mesmo, mas também, uma responsabilidade pela sua utilização, trazendo uma consciência mais humana, menos simplista e manipuladora; proporcionando o brilho da sensibilidade para desvendar essa inteligência cega que nos ronda.

Assim, caracterizando que as nossas ações e até mesmo nossa forma de pensar e de escolher pode estar sendo comandado *por um certo tipo de relação lógica extremamente forte entre noções mestras, noções chave e princípios chave*(p.85) a que denominamos paradigma, Morin(1990) denuncia a existência do paradigma da simplicidade, que é caracterizado pelos princípios da disjunção e da redução ( o primeiro separando, excluindo o que está ligado e o segundo unindo o que está disperso), cujo propósito é estabelecer um universo onde reine a ordem, a certeza e sejam excluídos a desordem, a incerteza, a dúvida e o acaso; portanto, uma concepção mutilante, a qual temos obedecido cegamente, e no afã de simplificar, fomos, analisando, separadamente o que não existe em separado, fomos especializando-nos na parte e generalizando o todo, de tal modo que o nosso processo de desenvolvimento ocidental baseia-se na ordem e no progresso, mesmo que para tanto seja necessário exterminar, excluir ou não considerar fatos, ambientes e vidas, de toda e qualquer espécie.

Iniciando-nos no pensamento complexo, Morin (1990) articula a interação existente entre ordem e desordem, inimigas que cooperam para organizar o universo:

*a complexidade da relação ordem/desordem/organização surge quando se verifica empiricamente que fenômenos desordenados são necessários em certas condições, em certos casos, para a produção de fenômenos organizados, que contribuem para o aumento da ordem ( p.91-92).*

Na caracterização da complexidade, Morin(1996) desvela-nos enquanto sujeitos, portanto, nos fazendo assumir nosso egocentrismo complexo, onde *somos uma mistura de autonomia, de liberdade, de heteronímia e direi mesmo de possessão por forças ocultas que não são simplesmente as do inconsciente revelados pela psicaná-*

lise (p. 98), onde precisamos assumir nossas contradições e nossa incapacidade de darmos conta de toda a nossa realidade.

Procurando alertar-nos, também, descreve a tênue fronteira que distingue razão, racionalidade e racionalização, esta última que significa a explicação simplista do que a razão não deu conta de compreender, para caracterizar nossa necessidade de macro-conceitos, alertando-nos que coisas importantes devem definir-se pelo núcleo e não pelas fronteiras, pois estas podem afastar-nos do centro da questão uma vez que as partes fronteiriças são sempre vagas e interferentes.

Desta maneira, Morin(1996) coloca-nos diante de três princípios para pensarmos a complexidade: o primeiro é o diálogo que permite a comunicabilidade até mesmo entre opostos, possibilitando manter a multiplicidade no seio da unidade; o segundo é o da recursão organizacional, onde somos ao mesmo tempo o instituído e instituinte da nossa própria existência, pois *somos os produtos de um processo de reprodução que é anterior a nós. Mas uma vez que somos reproduzidos, tornamo-nos os produtores de um processo que vai continuar (p. 108)*; e, o terceiro é o princípio holográfico que nos permite entender que não, somente, a parte esta no todo, mas que o todo, também, está contido na parte.

Assim, nos mostra a complexidade e, portanto, a interação desses princípios, que não poderia ser diferente, afirmando que *a idéia holográfica está ligada a idéia recursiva que por sua vez está em parte ligada à idéia dialógica(p. 109)*.

Dessa forma, Morin (1990) convida-nos a juntar o Uno e o Múltiplo a causa e o efeito, o produto e o produtor, mas nos alerta que *“o Uno não se dissolverá no Múltiplo e o múltiplo fará apesar de tudo parte do Uno (p. 112)*.

Caracterizando a vida Morin (1996) afirma que *todo ser vivo, mesmo o menos complexo, é um indivíduo dotado de aparelho de computação (p.318)*, considerando que *os computers artificiais, são construídos por outros, e operam para os outros. Em contra partida, no ser celular há computação de si, por si, para si. Essa computação não é só auto-referente, embora seja fundamentalmente egocêntrica ( p.318)*, estendendo o *para si egoísta* não, somente, o que realiza para si mesmo, mas o que concebe, cria e compartilha com os seres por ele gerado, com outros que lhes são importantes e a sociedade em que vive. Dessa forma o que cada um faz para os seus é como se fizesse para si, colocando-se como se fosse o centro do mundo. Assim, *o para si, a auto-referência, o auto-egocentrismo são traços que permitem formular e reconhecer a noção de sujeito (p.319)*, criando dessa maneira um reino

valorizado centrado e finalizado, assim como, um fora que são os outros reinos, portanto, um universo externo útil ou perigoso, que é o dos objetos; constituindo uma dualidade que é própria a estrutura do ser-sujeito que tem um princípio de exclusão de qualquer outro em sua sede subjetiva, mas que também, possui um *princípio de inclusão do congênere no circuito ampliado de seus autos subjetivo*(p.322). Sendo essa característica básica de todos os seres vivos, aliados a possibilidade de *interações trans-subjetivas (entre indivíduos-sujeitos), de constituição macro-indivíduos-sujeitos de Segunda ordem (os seres policelulares) e até de terceira ordem (as sociedades)* (p.322). Morin(1996) estende a subjetividade a todos os seres vivos, e expressa-se assim:

*a menor atividade viva supõe um computo pelo qual o indivíduo trata todos os objetos e dados em egocêntrica referência a ele mesmo. O sujeito é o ser computante que se situa, para ele, no outro do universo, que ele ocupa de forma exclusiva: "Eu só, posso dizer eu para mim (p.323).*

Para caracterizar e diferenciar a subjetividade humana, Morin (1996) traz-nos a consciência, a determinação sócio-cultural e a capacidade de irmos além dos determinismos ( genéticos e ecológicos de todos seres vivos, assim como, da programação mecanicista do ser artificial e da nossa própria determinação sócio-cultural). Quanto à consciência nos diz que somos os que apesar de reconhecermos que somos apenas um *ácaro microscópico , de uma migalha, de um momento efêmero do universo* (p.324), auto-transcendemos, espontaneamente, e precisamos viver nosso drama de estarmos no centro de um imenso universo, assumindo nosso auto-egocentrismo, garantindo nossa existência, mas vivendo o nosso drama de sermos quase nada em relação ao que existe. Por outro lado, a nossa capacidade de autonomia, lembrando que no pensamento complexo *quanto mais autônomos, mais dependentes somos de um grande número de condições necessárias à emergência de nossa autonomia* (p.325), podemos ir além sem deixarmos *de ser animais, sem deixar de ser seres máquinas*(p.326).

Para Morin(1996), a idéia de sujeito faz parte da rede existencial do ser vivo mais arcaico, mas não acaba ai, ao contrário, *desenvolve-se com a animalidade, com a afetividade e, no homem, aparece esta novidade extraordinária: o sujeito consciente* (p.326). Esclarecendo que todos da bactéria ao ser humano, agimos ou reagimos com bastante freqüência como máquinas, atuando de maneira previsível, conformada, esperada e repetitiva. Contudo, posiciona-se que quanto mais desen-

volvido esse ser for, *mais capaz de conceber escolhas e de elaborar uma estratégia* (p.236), mais se distancia da condição mecanicista de ser para assumir um papel de ser atuante, comprometido consigo mesmo e com o mundo a sua volta, sem no entanto, permitir que acontecimentos, condições físicas, envolvimento emocional, tradições de hábitos e costumes e concepções de certo e errado, determinem sua ação, estando pronto a sair de uma, e até da sua própria, programação para enfrentar o novo, agindo de forma inesperada, constituindo-se sujeito da situação, revertendo processos, criando novas condições e alternativas capazes de garantir, não só a sua sobrevivência e dignidade, mas, também, de proporcionar condições “aos seus” de evoluírem, conquistarem sonhos e desejos, superando frustrações e condições contrárias ao sucesso e felicidade desejados.

Morin (1996) afirma que esses são os momentos mais importantes na vida, momentos em que não se age como máquinas, mas sim como um sujeito consciente evoluído, capaz de: *no momento de se dizer ‘sim’ no registro civil, dizer-se ‘não’.* *Em vez de dizer ‘sim’ ao patrão, ao chefe, ao tirano diz-se ‘não’.* *Perdoa-se o inimigo no momento de o matar.* (p.326)

Daí, o ser sujeito consciente, constituído e constituinte da sua rede existencial, assume em plenitude essa condição que lhe é própria ao fortalecer seus vínculos, gerando processos e produtos que possibilitem cada vez mais interações trans-subjetivas, proporcionando sua existência, sobrevivência e evolução com o convívio com os seus parceiros, pois para Morin(1996) *o indivíduo vivo, vive e morre neste universo onde só o reconhecem como sujeito alguns congêneres vizinhos e simpáticos.* *É portanto, na comunicação amável que podemos encontrar o sentido de nossas vidas subjetivas* (p.328), sendo que a complexidade de Morin(1996) aponta-nos para a relação entre homem e o trabalho, como um feixe, um emaranhado de relações que se sustentam, fazendo emergir condições de realização e sentido de vida para cada ser sujeito que componha essa rede existencial, onde cada um possui autonomia e dependência, criando e convidando aos seres sujeitos (empreendedores) a assumirem uma postura de criador do seu próprio mundo.

## O Sujeito Espontâneo Complexo

Combinando a *proposta espontânea* de Moreno(1993) e a *proposta de complexidade* de Morin(1996), ou seja, o sujeito espontâneo-complexo, poderia ser assim caracterizado:

- ⇒ constitui e é constituído por sua rede existencial, ou seja, é ao mesmo tempo o instituído e instituinte da sua própria existência;
- ⇒ o ato de criar é a combustão necessária e indispensável à sua existência;
- ⇒ valoriza muito mais o que há-de-vir, não se aprisionando ao criado;
- ⇒ é co-responsável pela evolução da sua criação, mas também, pelo seu próprio crescimento;
- ⇒ convive com os opostos, ou seja, certo e errado, a ordem e a desordem, a multiplicidade e a unidade;
- ⇒ está atento a importância do todo e a de cada parte que o compõe; assim como suas interações;
- ⇒ assume o seu auto egocentrismo, garantindo a sua existência e vivendo o seu drama de ser quase nada diante do que existe;
- ⇒ está pronto para enfrentar o fortuito, o inesperado, assim como o programado;
- ⇒ concebe escolhas e elabora estratégias de ação capazes de alterar até a sua própria programação para enfrentar o novo, o inusitado;
- ⇒ é um ser autônomo-dependente;
- ⇒ é um empreendedor, capaz de manter-se empreendedor.

## **BIBLIOGRAFIA**

- BLATNER, Adam e Allee – **Uma visão global do psicodrama** – SP, Ágora – 1996.
- BUSTOS, Dalmiro M. – **Actualizaciones en psicodrama** – Argentina, Momento – 1997
- \_\_\_\_\_ – **Novos rumos em psicodrama** – SP, Ática – 1992
- DIAS, Víctor R.C.S. – **Psicodrama – teoria e prática** – SP, Ágora – 1987.
- GONÇALVES, Camila Sales – **Lições de psicodrama** – SP, Ágora – 1988.
- HOLMES, Paul – **O psicodrama após moreno – inovações na teoria e na prática** - SP, Ágora – 1998
- MORENO, J. L. – **As palavras do pai** – SP, Psy – 1992
- \_\_\_\_\_ – **Psicodrama** – SP, Cultrix – 1993
- MORIN, Edgar – **Introdução ao pensamento complexo** – Lisboa – Inst. Piaget - 1990
- \_\_\_\_\_ – **Ciência com consciência** – RJ, Bertrand Brasil – 1996
- \_\_\_\_\_ – **Amor, poesia, sabedoria** – RJ, Bertrand Brasil – 1998
- NETO, Alfredo Naffah – **Psicodrama – descolonizando o imaginário – um ensaio a J.L.Moreno** – SP, Brasiliense - 1979
- MONTEIRO, Regina F – **Técnicas fundamentais do psicodrama** – SP, Ágora – 1988.
- ROMANA, Maria Alicia – **Do psicodrama pedagógico à pedagogia** – SP, Papyrus – 1996.
- WILLIANS, Antony – **Psicodrama estratégico** – SP, Ágora – 1994.